



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8859 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT11 - Política de Educação Superior

CAPITALISMO ACADÊMICO, EDTECH E A UNIVERSIDADE REFORMADA

Alisson Slider do Nascimento de Paula - Centro Universitário Inta - UNINTA

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP

CAPITALISMO ACADÊMICO, EDTECH E A UNIVERSIDADE REFORMADA

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar a lógica do capitalismo acadêmico brasileiro, bem como as metamorfoses operadas a partir da financeirização e da profunda expansão da participação das empresas de Tecnologias Educacionais (Edtechs) em decorrência da pandemia global da Covid-19. Concernente aos procedimentos metodológicos da pesquisa, optou-se por desenvolver uma pesquisa bibliográfica e documental calcada na epistemologia crítico-dialética. Considera-se que há um cenário de continuidade no aprofundamento da financeirização da educação superior, contudo, desviando a ênfase das transações, ou seja, outrora concentrada nas instituições, contemporaneamente é dada ênfase aos recursos tecnológicos.

Palavras-chave: Educação superior. Capitalismo acadêmico. Edtech.

INTRODUÇÃO

A lógica da expansão capitalista transforma tudo e todos em mercadorias. Pela capacidade criativa do capital, os serviços não fogem de seu alcance. Sua lógica expansiva, sobretudo em sua fase especulativa parasitária, atinge a educação. Compreendendo que o capital busca uma linguagem perfeita para as mercadorias atenderem e adaptarem-se à lógica da sociabilidade, culminando em seu consumo, a educação é metamorfoseada e adequada de acordo com as transformações capitalistas.

Com o cenário de crise que o capital se deparou em diversos momentos nos séculos XX e XXI, tornou-se essencial a busca por outras áreas para que fosse exequível efetuar sua extração de lucro. A educação superior surge, então, como setor estratégico para o capital, pois o financiamento público/estatal configura-se como uma sedutora fonte para ser absorvida. De acordo com a pesquisa de Rikowski (2017), o mercado educacional global, em 2015, possuiu o valor de US \$ 4,9 trilhões (USD). Acrescentamos a isso o investimento

aproximado de US \$ 2 bilhões em capital de risco em educação, em 2014, o que evidencia um crescimento no investimento da ordem dos 45% no período da Grande Depressão de 2009 a 2014. Esse cenário global da educação, portanto, evidencia a fonte dos interesses dos setores empresariais, estimulando, dessa maneira, a mercadificação da educação superior.

A presente pesquisa busca analisar a lógica do capitalismo acadêmico brasileiro, bem como as metamorfoses operadas a partir da financeirização e da profunda expansão da participação das empresas de Tecnologias Educacionais (Edtechs) em decorrência da pandemia global da Covid-19. Concernente aos procedimentos metodológicos da pesquisa, optou-se por desenvolver uma pesquisa bibliográfica e documental calcada na epistemologia crítico-dialética. Destarte, o texto está sistematizado em duas partes: discute a racionalidade do capitalismo acadêmico calcado no modelo norte-americano de universidade, contudo, ressalta a particularidade do *modus operandi* do capitalismo acadêmico brasileiro; por fim, finaliza com uma breve análise acerca dos impactos da pandemia da Covid-19 e seus efeitos na lógica do capitalismo acadêmico local.

O CAPITALISMO ACADÊMICO COMO EXPRESSÃO DAS TENDÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

O conceito de capitalismo acadêmico surge nas investigações de Slaughter e Larry (1997), nos marcos da realidade da universidade norte-americana, denotando a reorganização das atividades e práticas rotineiras das universidades em busca de obtenção de lucros. Slaughter e Rhoads (2010) salientam que as instituições de ensino superior passaram a comercializar suas produções se habilitando neste tipo de prática mercadológica. Esse processo é exequível em decorrência da organização acadêmica e das práticas individuais de seus docentes.

A Teoria do Capitalismo Acadêmico (TCA) possui uma dupla contribuição: primeiramente, possibilita compreender a metamorfose das políticas de educação superior próprias de um regime de bem-estar social para um competitivo de caráter privado; ademais, ela oportuniza elementos metodológicos que tornam factível compreender as (re)formulações de parcerias entre universidades – além dos sujeitos que as constituem – e organizações sem ou com finalidade de lucro. Nesse panorama, é mister considerar, de acordo com Sigahi (2017), que estão situados dentro do quadro conceitual da TCA elementos que configuram a lógica mercantil da *New American University*, sendo eles: a) Novos circuitos de conhecimentos; b) Novos fluxos de financiamento; c) Organizações intersticiais; d) Organizações intermediadoras e; e) Capacidade gerencial expandida.

Vale considerar que, mesmo com as transformações desdobradas nos últimos 25 anos do século XX, a universidade se molda à lógica da centralidade da ciência, pois “o saber desinteressado e não aplicado nas universidades cede espaço para as dimensões bélicas, políticas e econômicas”. A concepção de universidade, nos EUA, trata da “universidade de classe mundial”, na qual sua “disseminação lhe é de fundamental e estratégico interesse, podendo fazê-lo por meio das instituições mundiais em face da atual geopolítica mundial que confere a este país posição privilegiada” (SILVA JÚNIOR, 2017, p. 124).

Com efeito, essa noção econômico-financeira paira sobre as atividades do cotidiano universitário condicionando as pesquisas a apresentarem conhecimento matéria-prima. O conhecimento matéria-prima, no âmbito da TCA, pode ser configurado como as áreas da biotecnologia e da tecnologia da informação, visto que são áreas com maior inserção e proteção por patentes, detentoras de direitos autorais, além de registros de suas marcas. Nessas circunstâncias, assim como as grandes corporações de indústria ou de serviço, as universidades, através da produção do conhecimento matéria-prima, passaram a buscar extrair

lucros desse nicho mercadológico.

A TCA, a despeito de sua relevância analítica, da forma como está posta por Slaughter e Leslie (1997) e Slaughter e Rhoads (2010), atende a particularidade norte-americana, contudo, pela possibilidade de se expandir os campos analíticos da TCA, o capitalismo acadêmico se expande de modo particular dependendo da realidade nacional. Nessa acepção, no Brasil o capitalismo acadêmico parte para a lógica da atuação das Instituições Privadas de Educação Superior (IPES) e de sua articulação direta com a financeirização, tendo em vista que se trata da lógica da diversificação das fontes de manutenção que atuam na relação Estado e IPES, consolidando, dessa maneira, um verdadeiro empresariamento educacional que está diretamente vinculado com o capitalismo acadêmico em decorrência da mundialização do capital.

CAPITALISMO ACADÊMICO BRASILEIRO E A ASCENSÃO DAS EDTECHS

Os princípios do mercado capitalista, quando inseridos na educação superior, metamorfoseiam a racionalidade destas instituições de ensino. O cenário da mercadificação da educação superior brasileira ganha um novo elemento a partir do lançamento, em julho de 2019, do Programa Institutos e Universidades Empreendedoras e Inovadoras (FUTURE-SE). O FUTURE-SE compreende que a superação da fragilidade da inovação, bem como dos registros de patentes no Brasil se efetuará através de fomentos individuais e privados aos docentes e estudantes aumentando os financiamentos privados para os projetos de pesquisa, bem como para impulsionar a Pesquisa & Desenvolvimento (P&D). O capitalismo acadêmico se expande de modo particular dependendo da realidade nacional. Nessa acepção, no Brasil, a forma mais expressiva do capitalismo acadêmico se dá por meio da lógica da atuação das IPES e de sua articulação direta com o capital fictício. No limite, o capitalismo acadêmico é um setor constituído por formas funcionais de capital.

No entanto, com a eclosão da Covid-19 em 2020 o fechamento de campus universitários em escala planetária configurou-se como estratégia para impedir a irradiação do vírus em decorrência do panorama de alto contágio do *Sars-Cov-2* e a necessidade de isolamento. Destarte, esse cenário impulsionou a emergência da aprendizagem *on-line* a partir da iniciativa de atores privados e comerciais vinculados a *holdings* educacionais (WILLIAMSOM; HOGAN, 2021). É lícito salientar o “alívio” imediato proporcionado por provedores privados de tecnologia durando o *lockdown* de diversos Estados nacionais. Com efeito, organizações comerciais e promotores do setor privado procuraram reconstruir a educação superior doravante os impactos da pandemia. Apesar desse cenário implicar entraves na formação universitária, outro aspecto emergiu de tudo isso, o surgimento da aprendizagem digital por meio do ensino remoto e o consequente papel das empresas de tecnologia educacional (EdTech).

A utilização dos recursos tecnológicos de forma centralizada expressa os interesses do mercado de ensino, uma vez que a financeirização da educação é aprofundada pela compra de pacotes de empresas de tecnologia educacional pelo setor público. Segundo Moeller (2020, p. 3), as EdTechs possuem *softwares* voltados para o desenvolvimento de competências e habilidades em um determinado conhecimento – outrora era dado ênfase na educação básica, contudo, com o colapso pandêmico global, a educação superior passa a fazer parte desse cenário e a caracterizar mais um nicho do capitalismo acadêmico –. Em acréscimo, esses *softwares* possibilitam “mudanças significativas na operação e gestão das unidades de educação”, inclusive na “contratação de serviços específicos ou instituições inteiras”. Esse cenário já era operado nos EUA por meio de Organizações de Gestão Educacional (EMOs) com o objetivo de desenvolver e/ou administrar instituições educacionais.

A multinacional britânica *Pearson* busca no setor educacional liderar a próxima geração de ensino e aprendizagem, desenvolvendo plataformas de aprendizagem digital, incluindo inteligência artificial na educação (AIEd). Ela está testando novas tecnologias de AIEd que espera permitir que tutores virtuais forneçam aprendizagem personalizada aos alunos, como *Siri* ou *Alexa*. (SELLAR; HOGAN, 2019).

É lícito salientar que as EdTechs constituem um campo corporativo multibilionário, e atores corporativos como Google, Microsoft e Apple estão no epicentro. Moeller (2020, p. 6) afirma que “Google, Microsoft e Apple estão lutando pelo domínio na sala de aula. Todo mundo quer que seus dispositivos estejam nas mãos da próxima geração de consumidores”. É um nicho de *marketing* valioso a ser dominado. A rigor, como empresa, as EdTechs, em 2019, atingiram o valor de US \$ 43 bilhões.

Se olharmos a movimentação das ações no período de 15 de abril a 14 de maio de 2020 na Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA), é possível observar a queda nas ações das duas maiores *holdings S/A* do setor de educação, Cogna Educacional (COGN3 -24,18%) e YDUQS (YDUQ3 -20,52%), porém, três das empresas que disponibilizaram recursos educacionais para operar educação a distância no período pandêmico obtiveram valorização de suas ações, segundo o índice NASDAQ, as empresas *Zoom Video Communication* (ZM 10,79%), *Alphabet Inc.* (GOOGL 7,92%) e *Microsoft* (MSFT 5,03%) expressam esta valorização do capital.

Nesse sentido, há um cenário de continuidade no aprofundamento da financeirização da educação, porém, desviando a ênfase das transações, ou seja, antes concentrada nas instituições, passou a dar ênfase aos recursos tecnológicos. Esse fenômeno decorre de graves implicações para a formação dos sujeitos, o trabalho pedagógico e o acesso e permanência na educação. O ensino migrou das salas de aula para os aplicativos de videoconferência. Com efeito, o capitalismo acadêmico brasileiro incorpora estas metamorfoses que evidenciam, mais uma vez, sua capacidade de adaptar-se às transformações do mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manuscrito apresentou alguns elementos que condicionam o *modus operandi* da educação superior brasileira a partir do fenômeno da globalização que se realiza via mundialização do capital de predominância financeira. O programa FUTURE-SE expressa a busca em conciliar o modelo brasileiro de educação superior com o norte-americano, contudo, diversos elementos não são considerados visto que a particularidade dependente brasileira se diferencia a passos largos da realidade estadunidense. Idealizar um cenário semelhante sem investimento nas universidades públicas e na formação de qualidade inviabilizará a realização de pesquisa nas universidades públicas.

A despeito da retórica de angústia sobre a situação educacional decorrente do isolamento social, a defesa dos interesses das empresas educacionais e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) está na ordem do dia. A implantação do ensino híbrido, com aulas síncronas, ensino por competências, planos de estudos tradicionais e exercícios de memorização para atender a avaliações de larga escala (GIROUX, 2018) consubstanciam nas transformações do capitalismo acadêmico brasileiro em se adequar às tendências do mercado.

REFERÊNCIAS

GIROUX, Henry. **La guerra del neoliberalismo contra la educación superior**. Barcelona: Heder, 2018.

MOELLER, Kathryn. Accounting for the corporate: na analytic framework for understanding corporations in education. **Educational Researcher**, v. 20, n. 10, 2020.

RIKOWSKI, Glenn. Privatização em educação e formas de mercadorias. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 21, 2017.

SELLAR, Sam; HOGAN, Anna. **Pearson 2025**: Transforming teaching and privatising education data. 2019.

SIGAHÍ, Tiago Fonseca Albuquerque Cavalcanti. **A ascensão da lógica financeira sob a perspectiva da teoria do capitalismo acadêmico**: consequências para a formação do engenheiro de produção. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

SILVA JÚNIOR, J. R. **The new brazilian university**: a busca por resultados comercializáveis: para quem? Bauru: Canal6, 2017.

SLAUGHTER, Sheila; LESLIE L. Larry. **Academic capitalism**: politics, policies, and the entrepreneurial university. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

SLAUGHTER, Sheila; RHOADS, Gary. **Academic capitalism and the new economy**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2010.

WILLIAMSON, Ben; HOGAN, Anna. **Pandemic privatisation in higher education**: edtech & university reform. Brussels: Education International Research, 2021.